

# SANTA TERESA D'ÁVILA

## Livro da vida

*Tradução e notas de*  
MARCELO MUSA CAVALLARI  
*prefácio de*  
FREI BETTO  
*e introdução de*  
J. M. COHEN



Copyright da introdução © 1957 by J.M. Cohen  
Copyright do prefácio © 2010 by Frei Betto

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress  
are registered and/or unregistered trademarks  
of Penguin Books Limited and/or  
Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association  
with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL  
Libro de la vida

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA  
Raul Loureiro, Claudia Warrak

PREPARAÇÃO  
Cecília Ramos

REVISÃO  
Daniela Medeiros  
Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Teresa, de Ávila, Santa, 1515-1582  
Livro da vida / de Ávila, Santa Teresa; tradução e  
notas de Marcelo Musa Cavallari; prefácio de Frei Betto;  
introdução de J.M. Cohen. — São Paulo : Penguin Classics  
Companhia das Letras, 2010.

Título original: Libro de la vida.  
ISBN 978-85-63560-05-6  
1. Santas cristãs — Espanha — Ávila — Autobiografia 2.  
Teresa, de Ávila, Santa, 1515-1582 I. Frei Betto. II. Cohen, J.M.  
III. Título  
10-09423 CDD-282.092

Índices para catálogo sistemático:  
1. Santas : Igreja católica : Autobiografia 282.092

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (011) 3707-3500 Fax: (011) 3707-3501  
[www.penguincompanhia.com.br](http://www.penguincompanhia.com.br)

## Sumário

A sedução de Teresa — Frei Betto	9
Introdução — J.M. Cohen	15
Nota do tradutor	29
 LIVRO DA VIDA	 33
 <i>Notas</i>	 401
<i>Outras leituras</i>	417

## Nota do tradutor

Não é fácil entender Santa Teresa D'Ávila. O radicalismo de seu compromisso religioso, que vê como pecados gravíssimos o simples apego à família e o gosto por conversar com as amigas, por exemplo, ou que luta contra a opinião de autoridades religiosas para estabelecer seu mosteiro de São José de Ávila na pureza e rigor da regra carmelita antiga, é algo muito distante da experiência contemporânea.

Tentar entender Santa Teresa, no entanto, vale a pena. O esforço começou com Teresa de Ahumada, ou com Madre Teresa de Jesus, a própria futura santa. Diante de uma experiência incomum — a experiência direta de Deus —, Santa Teresa demorou a entender exatamente o que estava acontecendo com ela. Assim como demorou a compreender a extensão do compromisso que seus votos religiosos exigiam. São essa experiência e esse aprendizado que ela tenta elucidar quando escreve o *Livro da vida*.

Ela não escreve, porém, por vontade própria. Santa Teresa escreve a pedido de seus confessores, sabendo que seu manuscrito será mostrado à Inquisição para que se sancionem como legítimas — essa é a esperança — suas experiências místicas. A Espanha do século das controvérsias religiosas disparadas pela Reforma de Lutero está às voltas com o fenômeno dos “iluminados”, pseudomísticos que desestabilizam a hierarquia da Igreja. Teresa não quer ser confundida com um deles. E teme despertar

as antipatias num país em que o papel da mulher não era o de escritora ou mestra. Também precisa afirmar a pureza de seu catolicismo, já que é neta de um rico comerciante judeu convertido por parte de pai, ainda que seja “cristã velha” por parte da família abastada de criadores de gado de sua mãe. Por isso Santa Teresa escreve com cuidado. Afirma ser muito mais ignorante do que de fato é. O simples fato de saber ler desde menina já a poria acima da maior parte das mulheres, e dos homens, de seu tempo. Mas ela conhece e comprehende bem a literatura religiosa e laica de sua época.

O texto do *Livro da vida* revela uma Santa Teresa apreensiva com a recepção que seu manuscrito possa receber por parte das autoridades, mas também revela uma mulher muito segura da autenticidade e importância de seu contato íntimo com Deus. Mesmo sabendo que seu manuscrito chegará às mãos das autoridades — embora finja pensar, ao longo dele, que apenas seus confessores o lerão —, Santa Teresa sabe igualmente que outras pessoas, já muito influenciadas por ela na época da redação do livro, o lerão. Serão pessoas leigas que se aproximam dela para instrução, e especialmente as religiosas de seus conventos reformados. Ora dirigindo-se a Deus, ora a seus confessores, ora a suas religiosas, a prosa da Santa mistura um tom de conversa de freira, a dicção dos romances de cavalaria — que lia quando criança e que usa especialmente para se dirigir diretamente a Jesus —, e a mais elevada Teologia Mística da qual Santa Teresa é uma das maiores mestras. Embora diga que nem sabe direito se é esse — teologia mística — o nome daquilo que ensina.

O que Santa Teresa tem a dizer, sua experiência muito particular, ainda não está cristalizado na época em que escreve. Nem a língua em que o vai dizer. O espanhol literário é uma língua ainda muito próxima de sua origem. Basta lembrar que o Dom Quixote de Cer-

vantes, o primeiro monumento puramente literário da língua espanhola, foi escrito quase cinquenta anos depois do *Livro da vida*. Santa Teresa é uma das primeiras mestras também da língua espanhola.

O espanhol do *Livro da vida* é uma língua maleável, usada até seus limites ainda pouco definidos para “falar daquilo que não se pode dizer”. Isso dificulta a tarefa de um tradutor. Para dar um exemplo, Santa Teresa não pontuou seu manuscrito com nada além de pontos e travessões. Por isso, algumas frases resultam quase incompreensíveis. Frei Luis de León, na primeira edição do *Livro da vida*, que organizou em 1588, estabeleceu uma pontuação mais de acordo com as normas gramaticais, e que vem sendo seguida pela maioria dos editores posteriores.

Mesmo assim, o texto de Santa Teresa apresenta pontos de difícil elucidação. Alguns tradutores optam por torná-lo mais claro e direto do que ele realmente é. Outros, especialmente os ligados à ordem carmelita de Santa Teresa, traduzem o texto do *Livro da vida* à luz dos quase quinhentos anos de discussão e interpretação da espiritualidade teresiana de que são herdeiros e praticantes. Esta tradução tenta apenas pôr em português o que está no livro de Santa Teresa.

Não se trata de um livro escrito com calma por uma religiosa confortavelmente estabelecida como autoridade espiritual amplamente reconhecida, status que Santa Teresa levou muito tempo para obter. É um documento que brota ao mesmo tempo que a santa está travando suas mais difíceis batalhas na reforma da Ordem Carmelita. Apenas a fundação do primeiro dos mosteiros reformados está narrada no *Livro da vida*. A tarefa ainda se prolongaria por décadas, sempre em meio a oposição e dificuldades de toda sorte. Além da ameaçadora desconfiança que suas visões e contatos com Deus despertam.

O destino do livro, assim como o texto dele, atestam a maneira atribulada em que foi escrito. A primeira re-

dação do que viria a ser o *Livro da vida* foi concluída em 1562 e entregue ao padre García de Toledo. Escrito por ordem do padre dominicano Pedro Ibáñez, esse original não existe mais. Uma nova versão, maior, foi feita, incluindo a história da fundação do convento de São José de Ávila. Essa versão recebeu um tratamento mais elaborado, tendo sido dividida em capítulos a que a santa deu títulos — alguns dos quais curiosamente autoelogiosos, nos quais parece que alguma outra pessoa escreve em terceira pessoa sobre o texto de Santa Teresa. Essa versão, que teve os parágrafos numerados, é a base da primeira edição, feita apenas depois da morte de Santa Teresa. O título da obra consagrado ao longo dos séculos é *Livro da vida*, mas não foi dado pela própria autora. Em sua correspondência, Santa Teresa se refere a ele simplesmente como livro grande ou minha alma. Numa carta a Pedro de Castro y Nero ela diz: “Intitulei esse livro *Sobre as misericórdias de Deus*”, mas essa designação não consta dos manuscritos.

Para a presente tradução, foi usada a oitava edição das *Obras completas de Santa Teresa de Jesus*, a cargo dos frades carmelitas Efren de la Madre de Dios e Otger Steggink, publicada pela Biblioteca de Autores Cristianos de La Editorial Católica em Madri, em 1986. Também foi consultada a 14<sup>a</sup> edição preparada por Dámaso Chicharro para a coleção Letras Hispánicas da Editora Catedra, Madri, de 2006.

## CAPÍTULO I

EM QUE TRATA DE COMO COMEÇOU O SENHOR A DESPERTAR ESTA ALMA EM SUA INFÂNCIA PARA COISAS VIRTUOSAS E A AJUDA QUE É PARA ISSO SEREM VIRTUOSOS OS PAIS

1. Ter pais virtuosos e tementes a Deus me teria bastado, se eu não fosse tão ruim, junto com o que o Senhor me favorecia para ser boa. Era o meu pai amante de ler bons livros, e, assim, tinha-os em espanhol para que os lessem seus filhos. Com o cuidado que minha mãe tinha de fazer-nos rezar e nos pôr a ser devotos de Nossa Senhora e de alguns santos, começou a despertar-me com a idade — me parece — de seis ou sete anos.

2. Ajudava-me não ver em meus pais tendência a não ser para a virtude. Tinham muitas.

Meu pai<sup>1</sup> era de muita caridade com os pobres e pena dos enfermos, e também dos criados. Tanta que nunca se conseguiu convencê-lo a ter escravos, porque tinha muita pena deles. E estando uma vez em casa uma escrava de um irmão dele, tratava-a como a seus filhos. Dizia que, porque não era livre, não aguentava de tanta pena. Era de grande verdade. Jamais alguém o viu blasfemar ou resmungar. Muito recatado.

3. Minha mãe<sup>2</sup> também tinha muitas virtudes e passou a vida com muitas doenças. Enorme recato. Mesmo sendo de grande beleza, nunca se ouviu dizer que se desse

ocasião em que ela fizesse caso dela. Pois, mesmo tendo morrido aos 33 anos, já seus trajes eram de uma pessoa de muito mais idade. Muito afável e de grande inteligência. Foram grandes as dificuldades que passaram no tempo que viveu. Morreu muito cristãmente.

4. Éramos três irmãs e nove irmãos. Todos pareciam os pais — pela bondade de Deus — em ser virtuosos, a não ser eu, ainda que fosse a mais querida por meu pai. E antes de começar a ofender a Deus, parece que ele tinha alguma razão, porque me dá desgosto quando me lembro das boas inclinações que o Senhor me tinha dado, e de como eu soube aproveitar mal delas.

5. Pois meus irmãos em nada me prejudicavam a servir a Deus. Tinha um<sup>3</sup> quase da minha idade. Juntávamos ambos a ler vidas de santos. Pois era o de quem eu mais gostava, embora tivesse grande amor a todos e eles a mim. Quando via os martírios que, por Deus, as santas passavam, parecia-me que pagavam pouco pelo ir gozar de Deus, e eu desejava muito morrer assim. Não por amor que eu julgassem ter-lhe, mas sim para ir gozar tão depressa os grandes bens que lia haver no céu. E juntava-me a esse meu irmão para tratar de que jeito haveria para isso. Combinávamos de ir à terra de mouros, pedindo, pelo amor de Deus, que lá nos decapitassem. E me parece que o Senhor nos daria coragem em tão tenra idade, se vissemos algum jeito, mas ter pais nos parecia o maior obstáculo. Espantava-nos muito no que líamos dizer que pena e glória eram para sempre. Acontecia-nos ficar muito tempo falando disso e gostávamos muito de dizer muitas vezes: para sempre, sempre, sempre! Ao pronunciar isso muito tempo, agradava ao Senhor que ficasse impresso nessa minha infância o caminho da verdade.

6. Depois que vi que era impossível ir aonde nos matassem por causa de Deus, planejávamos ser ermitãos. E numa horta que havia nessa casa tentávamos, como podíamos, fazer ermidas, erguendo umas pedrinhas, que

logo caíam e assim não encontrávamos remédio em nada para nosso desejo. E agora me enche de piedade ver como Deus me dava tão prontamente o que eu perdi por minha culpa. Dava esmola como podia, e podia pouco. Procurava a solidão para rezar minhas devoções, que eram muitas, em especial o rosário, de que minha mãe era muito devota e assim nos fazia ser. Gostava muito, quando brincava com outras meninas, de brincar de mosteiros, como se fôssemos monjas. E eu, parece-me, desejava ser, ainda que não tanto quanto as coisas que disse.

7. Lembro-me que, quando morreu minha mãe, eu tinha a idade de doze anos,<sup>4</sup> ou um pouco menos. Assim que comecei a entender o que havia perdido, fui, aflita, até uma imagem de Nossa Senhora e supliquei a ela, com muitas lágrimas, que fosse minha mãe. Parece-me que, ainda que tenha sido feito com simplicidade, me valeu, porque reconhecidamente encontrei essa Virgem soberana em tudo quanto encomendei a ela, e, por fim, ela me voltou para si. Incomoda-me agora ver e pensar no que deu não ter eu ficado inteiramente nesses bons desejos com que comecei.

8. Oh, meu Senhor! Já que parece terdes determinado que eu me salve, queira Vossa Majestade que seja assim, e, tendo dado tantas dádivas quanto me destes, não teria sido melhor — não para meu benefício, mas por respeito a Vós — que não se tivesse sujado tanto uma casa em que haveríeis de morar? Incomoda-me, Senhor, dizer isso, porque sei que foi minha toda a culpa, porque não me parece que faltou a Vós fazer nada para que desde tenra idade fosse toda vossa. Quando vou me queixar de meus pais, também não posso, porque não via neles senão todo o bem e o cuidado com o meu bem.

Pois passando dessa idade, em que comecei a entender as graças de natureza que o Senhor havia me dado — que, pelo que diziam, eram muitas —, quando por elas teria que dar graças, passei a me servir de todas para ofendê-Lo, como direi agora.